



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A construção identitária da criança negra na educação infantil: uma análise do  
documentário *Das Raízes às Pontas* (2015)**

**Giovana Macêdo de Faria**

BRASÍLIA

2022

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO

INFANTIL: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO *DAS RAÍZES ÀS PONTAS*  
(2015)

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito final e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Renata Melo Barbosa do Nascimento.

**Aprovado em:**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Renata Melo Barbosa do Nascimento – FE/UnB  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Deborah Silva Santos – FCI/UnB  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Éllen Daiane Cintra – SEE/DF  
Examinadora  
Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Macêdo, Giovana

A construção identitária da criança negra na educação infantil uma análise do documentário Das raízes às Pontas/ Giovana Macêdo; orientadora Dra Renata Melo Barbosa do Nascimento, -- Brasília, 2023. 25 p.

TCC (Graduação- Pedagogia) — Universidade de Brasília, 2023

1. Construção identitária. 2. Aprofundamento do documentário. 3. O papel do docente. 4. A estética da criança. I. Nascimento, Renata, orient. II. Título

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, pela sabedoria e pela constante presença em minha vida, não me deixando desistir mesmo com todos os obstáculos.

À Meus Pais, Uiara Macêdo e Eduardo Alves por serem meus exemplos de seres humanos e por sempre me aconselharem e me incentivarem nos momentos difíceis desta jornada.

Por último a todos que me apoiaram durante meu curso.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus professores/as e mestres/as por todos os ensinamentos nesses anos de curso e por todo o incentivo ao longo do mesmo. Em especial a minha orientadora Renata Melo Barbosa do Nascimento, por ter desempenhado essa função com tanta dedicação e empatia, e sempre com muita paciência e me incentivando a cada dia,

ajudando em tudo que precisei. Agradeço também a todos e todas as colegas que me incentivaram e estiveram ao meu lado ao longo da minha jornada, me ajudando a concluir esse curso.

### **MEMORIAL**

Chegou o momento mais esperado por mim até aqui, o momento que eu estou prestes a me formar no Ensino Superior, é estranho pensar nisso porque passou tão rápido, parece que foi um dia desses que eu estava comemorando a vaga que eu consegui na Universidade de Brasília e agora já estou na reta final do meu curso.

Isso tudo me faz refletir o início da minha jornada. Começou quando eu entrei na Educação Infantil aos 4 anos de idade, em uma escolinha perto da minha casa que se chamava “Império das Letras”, onde tive uma professora essencial nessa etapa que até hoje me lembro, era a Tia Maria José, ela sempre me ajudou muito com adaptação, deveres, socialização, ou seja, teve uma grande importância para mim. E ela também sempre teve uma conexão muito forte comigo. Foi uma boa época, uma etapa onde comecei a fazer meus primeiros colegas de turma e onde eu comecei a formar minha personalidade, fiquei nessa escola do Maternal até o Jardim III, sai quando eu tinha seis anos de idade porque a escola não tinha o Ensino Fundamental.

Logo que sai, fui para uma escola maior onde minha irmã mais velha já estudava, que se chamava “Dinâmico”, quando fui para o Ensino Fundamental e com ele a parte da alfabetização, comecei sentir bastante dificuldade por ser uma escola nova, alunos e alunas novas, professores e professoras novas, mas minha prima Amanda, que sempre estudou comigo, me ajudou muito na parte da adaptação. No “Dinâmico”, estudei do Ensino Fundamental I até meu Ensino Médio, foi uma escola importante para minha jornada, foi nela que passei boa parte da minha vida, fazendo amizades que levo comigo até nos dias de hoje, conheci professores e professoras que com toda certeza do mundo irão permanecer em minha memória para sempre.

Foi no meu Ensino Médio, que comecei a pensar o que seria da minha vida quando aquela etapa acabasse, foi onde a minha irmã Maraysa fez a diferença naquele momento, sempre me incentivando a fazer os vestibulares e principalmente o PAS. Seguindo os conselhos dela, me inscrevi para diversos vestibulares que foram abrindo no final do meu Ensino Médio em 2017, fiz para algumas faculdades particulares e também o PAS e o ENEM. Consegui uma bolsa de 50% na faculdade UNIP no curso de enfermagem, que naquele momento era o que eu queria como primeira opção de curso,

estava satisfeita e convicta que ia fazer aquele curso naquela faculdade, até que o resultado do PAS saiu e para minha alegria, descobri em uma linda tarde de uma sexta-feira, que meu nome estava nos convocados/as para a chamada do segundo semestre do ano de 2018, para cursar Pedagogia na Universidade de Brasília. Foi quando de repente surgiu a dúvida, fazer enfermagem (que era minha primeira opção de curso) ou cursar Pedagogia (que era minha segunda opção) na UnB, que era meu sonho de Universidade. A decisão foi a mais rápida e fácil da minha vida, logo fui decidindo a UnB na minha jornada e hoje percebo que foi a minha melhor escolha, primeiro porque hoje jamais me vejo fazendo enfermagem e segundo que a UnB me enriqueceu e me amadureceu muito, em diversos assuntos que eu sou muito grata. Essa foi a sensação mais marcante na minha vida, tanto que me lembro do meu primeiro dia de aula na Universidade, quando a professora foi conferir os nomes e chamou GIOVANA MACÊDO DE FARIA, eu me emociono só de lembrar o prazer que foi.

Aos 18 anos já estava estudando na Universidade que eu sempre quis, então estava feliz, no meu segundo semestre de Pedagogia comecei a estagiar e percebi que eu era mais apaixonada ainda pelo curso. No decorrer dele, percebi que um curso de Inglês era essencial para minha atuação, então aos 20 anos entrei em um curso de Inglês para enriquecer mais ainda meu currículo, e me senti melhor e mais segura no mercado de trabalho.

Agora estou na reta final do meu curso, já estagiei, já fiz cursos voltados a minha área de atuação e me sinto preparada para ser a professora regente de uma turma, aqui deixo salvo, que todos meus professores e professoras, foram de suma importância para meu sucesso profissional e claro, meus familiares também. Em especial meu pai que sempre me incentivou muito a estudar, trabalhando dia e noite para conseguir pagar uma escola e tentar dar a oportunidade que ele não teve, de passar em uma Universidade e hoje eu o agradeço imensamente, porque todo esforço valeu a pena, e também meus agradecimentos a minha mãe, que apesar de nunca ter cursado nem o Ensino Médio, sempre disse que os estudos é prioridade, e que se eu quisesse uma boa vida, tinha que estudar bastante, tanto que ela nunca mediu esforços para me ajudar quando o assunto era esse, desde o ensino infantil sempre me acompanhou e participou de todas as atividades. Na Universidade me ajuda no que pode, faz questão de levantar todos os dias

mais cedo que o normal, para me deixar em um terminal pra eu pegar o ônibus sentada até a UnB, dizendo ela que é para eu poder descansar mais e chegar na aula disposta. Sou grata demais a todos e todas que me ajudaram e me incentivaram até aqui, porque estou chegando no final e o sentimento de que valeu a pena todo esforço vai crescendo dentro de mim.

## RESUMO

A questão racial inicia-se através da construção social, fortemente presentes no cotidiano das crianças negras e não negras. Observando os olhares e comportamentos dos adultos como perspectiva de futuro, cria-se referências e preferências de como ser, como se vestir ou até mesmo copiar o estilo de cabelo categorizado como “o melhor”. É nessa perspectiva que o curta *Das Raízes às Pontas* (2015), irá nos ajudar na reflexão de como determinados modelos de estética e comportamento, incide nas infâncias de crianças negras na Educação Infantil, tendo às análises de bell hooks e Nilma Lino Gomes. como referencial teórico de análise contemplando a Lei 10.639/03.

**Palavras-chave:** Estética; Educação; bell hooks; Crianças; Raça, Sociedade

## ABSTRACT

The racial starts begins through social construction, strongly present in the daily lives of black and non-black children. Observing the looks and behavior of adults as a perspective of the future, references and preferences are created on how to be, how to wear or even copy the hair style categorized as “the best”. It is from this perspective that the short film *Raízes às Pontas* (2015) will help us reflect on how certain models of aesthetics and behavior affect the childhood of black children in Early Childhood Education, using the analysis of bell hooks as an analysis methodology, contemplating the Law 10.639/03.

**Keywords:** Aesthetics; Education; bell hooks; Kids; Race, Society

## INTRODUÇÃO

A questão racial inicia-se através da construção social, fortemente presentes no cotidiano das crianças negras e não negras. Observando os olhares e comportamentos dos adultos como perspectiva de futuro, cria-se referências e preferências de como ser, como se vestir ou até mesmo copiar o estilo de cabelo categorizado como “o melhor”. É nessa perspectiva que o curta *Das Raízes às Pontas* (2015), irá nos ajudar na reflexão de como determinados modelos de estética e comportamento, incide nas infâncias de crianças negras na Educação Infantil, tendo às análises de bell hooks e Nilma Lino Gomes. Como referencial teórico de análise contemplando a Lei 10.639/03.

Neste trabalho será analisado como as crianças negras se veem e começam a criar a sua identidade com base no curta metragem *Das Raízes às Pontas* (2015), que foi gravado em Brasília com direção de Flora Egécia<sup>1</sup> e roteiro da Débora Morais<sup>2</sup>, que mostra a personagem principal Luiza e como ela aceita seus cachos com tanto amor e fala isso abertamente.

O tema raça ainda é um tabu em diversas rodas de conversas, principalmente quando se trata de crianças, pois não se aborda o tema com essas mesmas crianças, dificilmente vemos a questão racial sendo pautada em sala de aula. Percebemos assim, uma falha no sistema educacional, pois é justamente na infância, que esse assunto precisa ser introduzido, para que as crianças cresçam sabendo de sua origem, e não tente se encaixar em padrões impostos por uma sociedade de perspectivas eurocêntricas, assim longe de sua realidade.

Estamos falando de questões abordadas por bell hooks em diversas obras<sup>3</sup>, deixando evidente sua indignação quando se refere a criação das identidades negras, em

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes da UnB (IdA-UnB). Formada em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília, período em que realizou Iniciação Científica e Extensão. Atua como pesquisadora mestranda no Projeto de Pesquisa "Construindo uma Biblioteca para o Futuro: Práticas Munduruku de Artesanato e Conhecimento Indígena". Cofundadora do Estúdio Cajuína, com atuação nas áreas de: design gráfico, direção de arte para cinema, fotografia, vídeo e produção cultural.

<sup>2</sup> Débora Morais, uma das roteiristas, é professora da rede pública de ensino do Distrito Federal e sugeriu pautar a questão da construção da identidade, passando pela infância e com ênfase no cabelo crespo. <sup>3</sup> Podemos citar: HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir- A Educação como Prática da Liberdade.**

Brasil, p. 1-288, 8 maio. 2017; HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha**. Brasil, p. 1-32, 8 mar. 2018; HOOKS, bell. **Olhares negros raça e representação**. p. 1-302, 1992.

um mundo que o padrão de branquitude<sup>4</sup> é tão presente na sociedade. Fica evidente que a cultura e padrões ligados as pessoas negras, são representadas de forma inferiorizada e de pouca representação. Alerta aos/as leitores e leitoras e pesquisadores e pesquisadoras a importância do tema, estimula um olhar mais crítico e sensível, no intuito de mudar uma

realidade injusta dentro da sociedade. A autora problematiza os imaginários construídos em que a população branca é representada como bela e superior que as não brancas, ficando a negra no extremo negativo dessas representações.

Se afastando um pouco das salas de aula e instituições de ensino, temos a própria convivência familiar e o educar dentro de suas próprias casas, neste sentido, vemos o quanto as famílias influenciam numa educação antirracista tanto das crianças negras quanto das crianças brancas, ou o seu contrário, quando reafirmam os racismos presentes em nossa sociedade de maneira estruturante. Assim o livro, “Do silêncio do lar ao silêncio escolar” da autora Eliane dos Santos Cavalleiro<sup>5</sup>, nos mostra como a educação em casa,

também afeta os comportamentos dos/as alunos e alunas dentro do espaço escolar, e como os professores e professoras, que não possuem uma formação continuada atualizada e antirracista, contribuem para a não conscientização desses mesmos alunos e alunas, fazendo com que cresçam reproduzindo práticas racistas, justamente porque o tema é tratado como tabu, quase proibido, ao longo da vida escolar. Sendo assim, torna-se evidente a importância de uma educação antirracista e a importância que a implementação

da Lei 10.639/03<sup>6</sup> para o nosso país.

Vemos a atualidade da afirmação da pesquisadora e educadora Eliane Cavalleiro, quando afirma que,

O educador da pré-escola brasileira apresenta dificuldades para perceber os problemas que podem aparecer nas relações entre crianças pertencentes a diferentes grupos étnicos. As crianças em idade pré-escolar já interiorizaram ideias preconceituosas que incluem a cor da pele como elemento definidor de qualidades pessoais. O silêncio do professor, no que se refere à diversidade



<sup>4</sup> Como nos informa Cida Bento “é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (2017, p. 26).

<sup>5</sup> CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar- racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, 2014

<sup>6</sup> Lei nº 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro Brasileira".

étnica e às suas diferenças, facilita o desenvolvimento do preconceito e a ocorrência de discriminação no espaço escolar. (CAVALLEIRO, 2004, p.13).

O Brasil é um país pluricultural, formado por três grupos étnicos-raciais predominantes: indígenas, brancos/as e negros/as, lembrando que a população negra é a maioria da sociedade<sup>7</sup>. A discriminação racial, no entanto, ainda é um grande problema para o país, onde as crianças são as primeiras que mais sofrem com os efeitos do racismo. Por isso, podemos afirmar que a educação antirracista tem um grande impacto na educação infantil.

Infelizmente a branquitude impõe um padrão que o branco é tido como o natural, numa perspectiva hegemônica, representando o padrão de beleza aceitável, e o que está fora é considerado “feio”, menos humano, “errado”. Em nossa sociedade o racismo estrutural<sup>8</sup> ainda é muito presente, pois,

(...) o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômica, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção, O racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2018, p.38-39).

A partir dessas reflexões, procuramos apresentar como as crianças, pais e docentes, lidam com o processo de criação das identidades de crianças negras, dividindo em quatro partes. A primeira trazendo um pouco sobre os movimentos negros e as conquistas raciais, a segunda trazemos a reflexão de como as crianças conseguem construir essa

identidade e quais desafios elas enfrentam para conseguir alcançar sucesso (HOOKS, 2020), a terceira procuramos aprofundar a partir do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), que trata a estética negra, tendo como foco os cabelos crespos, tema

<sup>7</sup> Referência oficial em total de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE < <https://g1.globo.com/google/amp/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclararam-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml> > acesso em 31 de janeiro de 2023. <sup>8</sup>

ALMEIDA, Silvio O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. este aprofundando pela educadora e pesquisadora Nilma Lino Gomes<sup>9</sup>, bem como o protagonismo dos Movimentos Negros numa perspectiva educadora; por último abordamos o papel dos/as docentes e pais/familiares, no processo de construção de imagens positivas para a formação das crianças e com predomínio das infâncias negras, , que normalmente são carregas de representações de cunho racistas.

## **1. Os movimentos negros e as conquistas raciais**

Os movimentos negros são movimentos sociais e políticos, criados por ativistas negros e negras, com o intuito de alertar e protestar contra as desigualdades raciais, lutando por direitos e contra os racimos. Um momento histórico emblemático, foi a realização da Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância em Durban na África do Sul em 2001, se destacando como um avanço para a luta contra os preconceitos e discriminações. A partir desse momento histórico, o governo brasileiro passa a ser signatário ao cumprir as resoluções determinadas internacionalmente pelos órgãos de Direitos Humanos.

Como desdobramentos de reivindicações históricas dos Movimentos Negros, tivemos os programas de cotas raciais nas Universidades, a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR), com status de ministério em 2003, bem como a criação do Dia Nacional da Consciência Negra, o 20 de novembro; Demarcação de terras quilombolas; Lei. 10.639/03<sup>10</sup>; e o reconhecimento de Zumbi dos Palmares como herói nacional.

Com essas ferramentas conquistadas, cabe aos professores e professoras por exemplo, ressaltar em salas de aulas, que a população negra são sujeitos e sujeitas históricas, valorizando portando, os pensamentos e ideias que colocam de maneira positiva os

negros e negras brasileiras, valorizando as músicas, culinária, danças, as religiosidades de matriz africana, p segundo Kabengele Munanga, “(...) é através da

<sup>9</sup> Ver GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019; e o Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017, da mesma autora.

<sup>10</sup> Lei nº 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro Brasileira".

educação que a herança social de um povo é legada as gerações futuras e inscritas na história”. (MUNANGA, 1986, p. 23).

## **2. Crianças construindo a sua identidade dentro da sociedade**

As crianças começam a se entender como pertencentes da sociedade na educação infantil, é quando começam a perceber suas diferenças entre os/as demais colegas de classe e entender que cada um/uma possuem suas raízes e suas heranças culturais.

“Seu cabelo é feio”, “Seu cabelo é ruim”, “Você tem uma cor feia”, “Eu sou mais bonito que você porque minha pele é clara”, são alguns dos comentários que acontecem em instituições de ensino. Crianças são inocentes e na maioria das vezes somente repetem o que adultos falam, nem sabem o quão grave são esses tipos de comentários. Infelizmente as crianças que escutam tais comentários, levam com elas essa sensação de fora do lugar,

por toda a vida. Desenvolvendo inseguranças que possam prejudicar o seu desenvolvimento pessoal, acadêmico, profissional, amoroso etc. Portanto, são através desses convívios, que as crianças vão criando sua identidade, lugar de pertencimento, impactando nas relações dentro e fora da escola.

Como já apontado, as famílias também fazem parte desse processo, ajudando as crianças a se descobrirem como seres pertencentes a sociedade, por isso ficam evidentes que comentários sobre cabelos, raças, devem ser de forma positiva, para que não influencie as crianças negativamente. Neste caso, um dos métodos que ajudam numa construção positiva de pertencimento, é a inclusão de livros, histórias e atividades que

envolvam a diversidade racial, abordando os variados costumes dos povos afro brasileiros e indígenas.

Um bom exemplo é a obra “Meu crespo é de rainha” de bell hooks, cujo objetivo é mostrar para as crianças negras, que elas também podem ser representadas de maneira respeitosa nas histórias, nos livros e nos contos. A obra se desenvolve a partir dos cabelos de todos os tipos; hooks deixa evidente de maneira fluida, que qualquer tipo de cabelo é lindo e deve ser aceito pela sociedade como um todo. Ela destaca que “pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho, ou livre, leve e solto” (2008, p. 8-10) ou “cachinhos, crespinhos, birotos, coquinhos” (2008, p. 23).

Com o intuito de mostrar para as crianças leitoras, que o cabelo pode ser do jeito que elas quiserem, e que o importante é se aceitar como é de fato, fazendo com que se sintam acolhidas e empoderadas. Contribuindo assim, para que as crianças passem a construir suas identidades de uma forma positiva e que se orgulhem de si mesmas, a partir de ferramentas antirracistas, é que iremos mergulhar nas contribuições e reflexões do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015).

### **3. Aprofundamento sobre o documentário *Das Raízes às Pontas* (2015) e a estética negra**

O documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), foi realizado por Flora Egécia e com roteiro de Débora Moraes. Flora é fotógrafa e designer, de Brasília, formada em desenho industrial pela Universidade de Brasília (UnB). Fundadora e sócia do Estúdio Cajuína, que foi o estúdio que realizou a produção do documentário. Espaço voltado para produções criativas no campo do design, fotografia e vídeo. Trabalhou na revista *Nil* como fotógrafa e designer e atua também como diretora de produções audiovisuais.

Considerando o curta metragem *Das Raízes às Pontas* (2015), cujo tema principal fala sobre a estética de cabelos crespos nas escolas e nas vivências das pessoas, bem como as construções das identidades negras dentro da escola, como os/as professores/as são fundamentais nessa etapa. Podemos perceber que as crianças negras na educação infantil, ainda não conseguem compreender muito bem esse processo, justificando a importância de estabelecer uma educação antirracista.

IMAGEM 1- Luiza Batista.



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).

O documentário começa contando a vida da jovem Luiza (IMAGEM 1) de apenas 12 anos, com cabelos crespos e diferente de muitas garotas da sua idade, se sente orgulhosa de cada cachinho seu. Basta observar sua dala que transmite propriedade e satisfação. Luiza conta que a influência de sua mãe, que é professora da rede pública do DF, ajudou a se aceitar e valorizar os seus cachos.

Luiza fala sobre como ela entende que seus cachos contam toda a trajetória de seus familiares e que por isso deve se orgulhar. A avó fala que desde pequenininha ela gostava do seu cabelo e tem orgulho de falar e mostra - lós. Uma realidade que é rara ainda na atualidade, mesmo sendo “comum” mulheres negras, fazendo suas transições capilares.<sup>11</sup>

Ter orgulho de seu cabelo crespo e demonstrar, não é uma tarefa fácil. Sabemos que muitas mulheres se sentem feias, desarrumadas, com a autoestima baixa, muitas alisam o cabelo, para tentar entrar nos padrões impostos por uma sociedade que valoriza uma estética eurocentrada. Muitas dessas mulheres se arrependem e optam pela transição capilar; processo que poderia ter sido evitado, se cada uma tivesse o entendimento que seus cabelos sempre foram lindos como são e que na verdade essa percepção equivocada, faz parte do racismo estrutural.

IMAGEM 2- Professora Ildete levando fantoches para sua aula.



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).

<sup>11</sup> Na prática, a transição capilar é aquele momento em que você decide não alisar mais o cabelo e recuperar a textura natural dele. O processo, no entanto, vai muito além de se livrar da química: se tornou uma espécie de grito de liberdade contra os padrões de beleza preestabelecidos pela sociedade. Além disso, o ato simboliza o reencontro com sua identidade original. Durante muito tempo, a cultura da beleza exaltou os cabelos lisos e alinhados como sendo os mais bonitos. Isso levou inúmeras pessoas a mudarem a estrutura dos fios para se sentirem aceitas pela sociedade.

No documentário a mãe de Luiza, dona Ildete tem um papel fundamental, tanto em casa, quanto na da sala de aula. Dentro de casa, educando sua filha e mostrando o quanto seu cabelo e sua identidade são lindos, para que ela possa enxergar de maneira positiva. Dentro da sala de aula, Ildete Batista tenta levar esses mesmos conhecimentos para seus alunos e alunas da educação infantil, fazendo dinâmicas e atividades voltadas ao tema. Ela conta histórias sobre crianças negras e seus cabelos, leva fantoches com essas características (IMAGEM 2) e o curta também mostra Ildete utilizando espelhos, para que cada aluno e aluna se vissem e notassem que são diferentes dos/as colegas, mas que nem por isso, a beleza deles/as são inferiores.

IMAGEM 3 e 4- Dinâmica do giz de cera



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).

A contar a dinâmica do giz de cera (IMAGEM 3 e 4), em que a professora Ildete coloca várias cores parecidas com o tom de pele das pessoas que compõe a sociedade contemporânea e pede para cada criança pegue a cor que ela se identifique (IMAGEM 5).

IMAGEM 5- Criança com o giz da cor que a representa,



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).

No decorrer do documentário, passam várias mulheres famosas como Sheron Menezes<sup>12</sup>, Ellen Oléria<sup>13</sup>, falando sobre seus cabelos e como foi a aceitação e o processo de cada uma, e destacam de como ocorreu esse mesmo processo com elas, pessoas públicas, mostrando a importância de abordar a questão racial, pois muitas outras mulheres negras que se espelham nelas, conseguem ver o quão o cabelo crespo, cacheado ou ondulado é lindo, impactando numa representatividade positiva.

<sup>12</sup> Seu nome completo é Sheron Mancilha Menezes. Ela nasceu em 26 de novembro de 1983, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. É atriz. Atua em televisão, em teatro e em cinema. Ela é também apresentadora.

<sup>13</sup> Ellen Oléria é uma cantora e compositora brasileira. Nascida e criada em Brasília, foi lá que se formou em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Com mais de 16 anos na estrada da música, a artista acumula prêmios em festivais, 5 discos lançados e turnês realizadas pelo Brasil e mundo afora.

IMAGEM 6- Melina Marques mostrando seu dread.



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015)

No mesmo documentário, temos outros depoimentos de pessoas que descrevem o



processo de aceitação de seus cabelos, e como os seus familiares e a própria sociedade, ajudaram ou atrapalharam nesse processo. Vejamos o depoimento de Melina Marques, historiadora,

Comecei a usar o dread porque achava bonito, pensei “Quero ter dread” mas ao longo do tempo eu fui vendo que era um ato de resistência, porque muita gente achou que era uma fase, quando eu comecei a usar dread, falaram “A porque ela vai parar com isso” “É coisa de jovem”, “É rebeldia” (...) Pra mim não é uma fase, é uma valorização da minha cultura” (A referência é o tempo exato da fala no documentário. Exemplo: *(Das Raízes às Pontas, 2015, 14m,31s)*).

IMAGEM 7- Luiza colocando seu turbante.



FONTE: *Documentário Das Raízes às Pontas* (2015).

Nos momentos finais temos Luiza colocando seu turbante<sup>14</sup>, que é uma das referências da cultura afro-brasileira, onde deixa explícito o seu orgulho ao usá-lo, ao mostrar para todos e todas olham para ela.

Através dessas imagens, vemos a importância do papel dos professores e professoras nessa etapa, a exemplo da professora Ildete na formação de seus alunos e alunas, mas percebe-se também, como a família tem grande relevância na construção dessa identidade positiva. Vemos que dona Ildete ajudou muito Luiza, sua filha, a ter orgulho de seus cabelos crespos, portanto, a educação antirracista pode começar dentro dos lares de cada criança, com pais e familiares, ensinando e mostrando o quanto é importante suas raízes e a escola se torna parceira nesse processo.

Em “*Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*”, bell hooks

demonstra a importância dos pais na formação do protagonismo das crianças, lembrando que “Encontrar uma voz é parte essencial da luta libertadora – um ponto de partida necessário para o oprimido, o explorado -, uma mudança em direção à liberdade” (HOOKS, 2019, p. 55). Pensando numa educação acolhedora, proporcionando confiança no caminhar da educação a partir da primeira infância o ensino é passado com amor e afeto, numa educação acolhedora evidenciado em “*Tudo sobre amor: novas perspectivas*”, também de hooks. Lembrando a importância da pedagogia ao ajudar as crianças a se amarem do jeito que elas são, desconstruindo todo estereótipo criado pelo padrão imposto pela sociedade excludente. Para a autora “Só o amor pode curar as feridas do passado.” (HOOKS, bell. 2020, p.33) e por isso, quando o docente e a docente conseguem passar esse afeto para os alunos e alunas, vemos um processo de aceitação e criação identitária positiva.

Pensando mais sobre a estética dos cabelos, representada no documentário, podemos fazer uma analogia ao constatar que Nilma Lino Gomes é uma educadora e pesquisadora que aborda essa estética negra em suas escritas, principalmente sobre a importância e simbolismo dos cabelos das pessoas negras, conforme suas palavras, “O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas

<sup>14</sup> Aqui no Brasil, o turbante representa a afirmação da identidade cultural que foi trazida pelos negros que vieram da África quando foram escravizados. As peças eram usadas como símbolo de resistência da sua cultura e reafirmação da sua identidade africana. O uso do turbante no Brasil hoje também tem a função de lembrar e reforçar os aspectos da cultura negra africana, resistindo e lutando contra o racismo e o preconceito.

diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade.” (GOMES, 2003, p.174).

Com isso, percebe-se como os cabelos em específico dizem muito sobre uma pessoa e como eles influenciam em sua autoestima e modos de viver, muito bem representado em *Das Raízes às Pontas* (2015), tendo os cabelos como símbolo de resistência para todas as pessoas assumidamente negras, pois,

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo

atesta a sua importância como símbolo identitário (GOMES, 2003, p.174).

#### **4. O papel dos/as docentes e dos pais na educação antirracista das crianças**

Mesmo sendo um desafio falar desse tema nas escolas, há caminhos possíveis para se ter uma educação com equidade racial. A compra de materiais didático-pedagógicos a serviço da educação das relações étnico-raciais, é um primeiro passo. É necessária uma execução orçamentária que contemple essas demandas, para que haja uma formação continuada de professores e professoras, sobre educação antirracista. Bem como, ter uma gestão pedagógica que responda às diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e cultura Afro-brasileira e Africana, com políticas públicas que promovam a equidade racial, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), inclusive se mostrando presente nas publicações do Ministério da Educação.

Vemos que a Educação das Relações Étnico-Raciais está começando a fazer parte do cotidiano das escolas com mais frequência<sup>15</sup>, com a ajuda da lei 10.639/03 e como ações na educação infantil e ensino fundamental se tornam essenciais.

Outro aspecto que podemos destacar é a quantidade de alunos e alunas negras em sala de aula, na maioria das vezes são poucas, comparadas aos alunos e alunas brancas, sendo apenas 32%, enquanto as crianças brancas são 39%, resultado do pouco acesso à

<sup>15</sup> Projeto “Consciência, Cor e Arte”- Escola Municipal Milton Pessoa (PE) Curtas-metragens – Vozes do Livramento e Na Batida das Águas Claras – que contam com depoimentos de idosos quilombolas.- Escola Municipal Milton Pessoa (PE).

educação para esse grupo social nas escolas particulares<sup>16</sup>. Os racismos se mostram representados por essas disparidades, pois as crianças negras acabam vivenciando dificuldades para adentrar as escolas através de suas próprias famílias, não oferecendo assistência necessária, com flagrantes obstáculos que as impedem de frequentar as aulas, prejudicando o desenvolvimento escolar, quando fazem parte de grupos sociais vulneráveis.

Reafirmamos que o papel da família é de suma importância para uma educação antirracista, é dentro de casa que eles aprendem os primeiros conselhos, escutam e falam

as primeiras palavras, contribuindo para a construção da identidade de cada criança, ensinar as crianças negras as suas raízes e fomentar a valorização de uma estética não eurocêntrica, orientando as crianças brancas a não praticar comentários racistas e desconstruindo a falsa ideia de superioridade.

A autora bell hooks fala muito em seus livros sobre a educação deve formar indivíduos preocupados com uma convivência em sociedade com igualdade e respeito acima de tudo. E para uma educação antirracista de fato, é necessário ir muito além da relação professor e professora, aluno e aluna, tem que haver compreensão e empatia, precisam estar atentos/as a toda vivência dentro de sala de aula e fora dela, valorizando as subjetividades de cada um e cada uma, para que realmente seja uma pedagogia engajada e revolucionária.

Neste caso, entendemos que o amor é fundamental, ele une as pessoas e fortalece seus ciclos, e uma das tarefas fundamentais da docência é justamente acolher e amar, construindo trocas com seus alunos e alunas. Nossa pensadora bell hooks deixa evidente, que o trabalho de um professor ou professora, não é somente ir para sala de aula e passar o conteúdo apenas, mas também ter empatia, e nesse caso, lidar com uma educação antirracista torna-se primordial, pois o objetivo é desconstruir a lógica estrutural dos racismos.

<sup>16</sup> FONTE: Todos Pela Educação em < <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-opportunidades-educacionais-2/>> Acesso em 10 de Jan de 2023.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos para que as crianças negras construam sua identidade de uma forma positiva, requer uma parceria entre a escola e as famílias. Requer muita ajuda dos adultos a sua volta, na escola principalmente porque é nesse ambiente que ela faz várias descobertas principalmente sobre seu próprio eu. Por isso, a importância de uma

educação antirracista eficiente para um bom resultado. Tão importante quanto o ambiente escolar é a relação familiar, dentro dela é necessário ter o diálogo sobre esse assunto e ajudar as

crianças a identificar também sua origem, ajudando assim a não ter vergonha e nem medo para expressar e ser a pessoa que quer ao longo de sua vida.

A autora bell hooks, que enfatizou a importância de como professores e professoras, podem lidar com temas sensíveis em sala de aula, através de diálogos, dinâmicas, utilizando o amor e empatia como ferramentas. Já Nilma Lino Gomes, trouxe reflexões sobre uma estética branca hegemônica, a partir dos cabelos, enfatizando as diferenças como as formas e jeitos, e a importância da aceitação e orgulho da herança cultural negra, bem como a importância do Movimento Negro para uma educação verdadeiramente inclusiva. Perspectivas fundamentais para um olhar atento, lançado para o documentário *Das Raízes às Pontas* (2015).

Percebemos o quanto é fundamental ter professores e professoras como dona Ildete dentro das salas de aula, por levar uma educação antirracista para as crianças, contando histórias, fazendo peças de teatro, dinâmicas e atividades. Mostrando como a representatividade positiva da população negra nas telas da TV, como nas novelas, documentários, histórias em quadrinhos, são importantes para a construção das subjetividades dessas crianças. Proporcionando um desenvolvimento de empoderamento, que vai muito além da estética, ajudando as próximas gerações a acabar com os padrões impostos pela branquitude.

Com base em todas as pesquisas e leituras feitas para a construção desse artigo, verificamos o quanto é fundamental a implementação Lei. 10.639/03, e documentários como o *Das Raízes às Pontas* (2015), ajudam na representatividade da cultura afro brasileira e africana nas mídias sociais. Vimos que os racismos estão presentes estruturalmente em nossa sociedade, e que personalidades de destaque como Sheron Menezes e Elen Oléria, ajudam a desmitificar uma beleza vista historicamente como fora dos padrões.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG):Letramento, 2018.

P. 19-44.

BASE DE DADOS DE LIVROS DE FOTOGRAFIA. Biografia da Flora Egécia. Disponível em:< <https://livrosdefotografia.org/perfil/1654/flora-egecia>>. Acesso em: 06 de jan de 2023.

BLOG ELLEN OLÉRIA. Biografia da Ellen Oléria. Disponível em: <https://www.ellenoleria.com.br/>>. Acesso em: 06 de jan de 2023.

BRASIL ESCOLA. Abolição da escravatura. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm>> Acesso em: 03 de 2023.

BRASIL. Lei n º10.639, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em:< [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) > .

CAMPOS, Luiz. Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/8YsCLH9MsCZ3dPWC47JLmFd/> >. Acesso em: 06 jan. 2023.

CARDOSO, Cíntia. Branquitude na educação infantil- Curitiba, p. 27-47, 2021.

CARVALHO, Maria Paula Cavalcanti e SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski. A literatura infantil na constituição da identidade da criança negra: interfaces com o contexto escolar.

CARVALHO, Maria; SILVEIRA, Rosilene. A literatura infantil na constituição da identidade da criança negra: Interfaces como o contexto escolar. Acesso em: 11/12/2022).

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar- racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo, p. 16-25, 2014.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. Consciência negra: 7 projetos de estudantes que estão

enfrentando o racismo. Disponível em: <

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/consciencia-negra-7-projetos-de-estudantes-que-estao-enfrentando-o-racismo/> > Acesso em: 02 de Fev de 2023.

FONSECA, Marcus Vinicius. Educação e escravidão: um desafio para análise historiográfica. p.1-22, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167- 182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONÇALVES, Luiz; SILVA, Petronilha. Movimento Negro e Educação. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv> >. Acesso em: 05 jan. 2023.

JESUS, Pauliana Maria; SILVA, Marcio Douglas de Carvalho. A sala de aula após a Lei Federal 10.639/03: avanços, desafios e possibilidades. p. 1-10, 2012.

HOOKS, bell. Ensinando a Transgredir- A Educação como Prática da Liberdade. Brasil, p. 1-288, 8 maio. 2017.

HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuvo Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. p. 55.

HOOKS, bell. Meu crespo é de rainha. Brasil, p. 1-32, 8 mar. 2018. HOOKS, bell.

Olhares negros: raça e representação. 1992, p. 1-302. HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Estados Unidos, p. 1-272, 2000.

MUSEU DA TV, RÁDIO E CINEMA. Biografia da Sheron Menezes. Disponível em:<<https://www.museudatv.com.br/biografia/sheron-menezes/>>. Acesso em: 06 de jan de 2023.

GOMES, Nilma lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. p. 1-24.

GQ GLOBO. O que é branquitude. Disponível em : <<https://gq.globo.com/Lifestyle/Poder/noticia/2021/04/o-que-e-branquitude.html>>. Acesso em: 02 de Fev de 2023.

BLOG LOJÃO DO CABELELEIRO. Tudo que você precisa saber sobre transição capilar. Disponível em: < <https://www.lojaodocabeleireiro.com/blog/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-transicao-capilar#:~:text=Na%20pr%C3%A1tica%2C%20a%20transi%C3%A7%C3%A3o%20capilar,de%20beleza%20preestabelecidos%20pela%20sociedade.>> Acesso em: 02 de Fev de 2023.

NÚCLEO DE CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. Racismo, Educação Infantil e Desenvolvimento na Primeira Infância. Disponível em:<[https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2021/10/WP-7\\_Racismo-Educ-Infantil-e-Desenvolvimento-da-Primeira-Infancia.pdf](https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2021/10/WP-7_Racismo-Educ-Infantil-e-Desenvolvimento-da-Primeira-Infancia.pdf)>Acesso em: 07 nov. 2022.

O PODER DAS CORES. Como trabalhar a construção de identidade na educação infantil. Disponível em :< <https://www.poderdascors.mundobic.com.br/construcao-de-identidade> . > Acesso em: 06 jan 2023.

SANTOS, Graziela. A construção positiva da identidade da criança negra na Educação Infantil.

SILVA, Giovanna; MARTINS, Edna. Práticas educativas de professores e famílias nos processos de construção de identidade das crianças negras. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19451/209209216533>>. Acesso em: 18 de jan de 2023.

SILVA, Layla; RIBEIRO, Daniela. A Ressignificação de uma pedagogia: Construção da



identidade da criança negra na educação infantil. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/artigo\_revisado\_layla\_maryzandra-1.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

TO DE CACHO. Turbante é resistência! Conheça sua história, os tipos e como aderir. Disponível em:< <https://todecacho.com.br/turbante-saiba-como-usar/>>. Acesso em: 22 de nov de 2022.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Do início ao fim: População negra tem menos oportunidades educacionais. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>. Acesso em: 10 de jan de 2022.